

Cartas pedagógicas no processo de educação libertadora na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas/Moçambique-África

Pedagogical letters in the process of liberating education at the *Sagrado Coração* Community Secondary School in Amatongas/Mozambique-Africa

Cartas pedagógicas en el proceso de educación liberadora en la Escuela Secundaria Comunitaria *Sagrado Coração* de Amatongas/Mozambique-África

Márcio Nonato Diniz Ferreira  

Paola Andressa Scortegagna  

Franciele Clara Peloso  

Resumo

O presente artigo é um desdobramento da pesquisa de mestrado de Ferreira (2024), como objetivo geral visa apresentar as cartas pedagógicas como correspondências libertadoras na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas). De caráter qualitativo, inspirou-se na sistematização de experiência (Jara, 2006), utilizou como técnica de coleta de dados as cartas pedagógicas (Dickmann, 2020; Coelho, 2011). O texto é dividido em introdução; três seções denominadas: (a) “Feiuras” e “Bonitezas”: A Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração/Moçambique-África em foco; (b) Breve biografia de Paulo Freire; (c) Paulo Freire e as cartas pedagógicas; e Considerações finais, no formato de carta pedagógica, elencando os processos que validam essas correspondências como educação libertadora na ESCSC-Amatongas, aspecto presente nas correspondências que assevera o papel de transformação do contexto educacional pela participação popular de seus sujeitos, tendo o Conselho da Escola como mecanismo de conexão transformadora dos alunos, familiares, comunidade e de outros territórios.

Palavras-chave: Paulo Freire; Cartas pedagógicas; Educação libertadora.

Abstract

This article was developed from the master's research (Ferreira, 2024), with the general objective of presenting pedagogical letters as liberating correspondences at the Sagrado Coração Community Secondary School in Amatongas (ESCSC-Amatongas). It is a qualitative study inspired in experience systematization (Jara, 2006) which used Pedagogical letters to collect data (Dickmann, 2020; Coelho, 2011). The text is divided into an introduction; three sections called: (a) “Ugliness” and “Beauty”: The Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração/Mozambique-Africa in focus (b) Brief biography of Paulo Freire (c) Paulo Freire and the pedagogical letters; and Final considerations in the format of a pedagogical letter listing the processes that validate such correspondences as liberating education at ESCSC-Amatongas. This aspect is present in the correspondences that highlight the education context transformation role through the popular participation of its subjects. The School Council appears as a connection mechanism transforming students, their families, the community and other territories.

Keywords: Paulo Freire; Pedagogical letters; Liberating education.

Resumen

Este artículo se desarrolla a partir de la investigación de maestría de Ferreira (2024), con el objetivo general de presentar a las cartas pedagógicas como correspondencias liberadoras en la Escuela Secundaria Comunitaria Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas). De carácter cualitativo,

se inspiró en la sistematización de la experiencia (Jara, 2006), y se utilizó de las cartas pedagógicas como técnica de recolección de datos (Dickmann, 2020; Coelho, 2011). El texto se divide en una Introducción; tres secciones denominadas (a) “Fealdad” y “Belleza”: La Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração/Mozambique-África en foco; (b) Breve biografía de Paulo Freire; (c) Paulo Freire y las cartas pedagógicas; y Consideraciones finales en el formato de carta pedagógica que enumera los procesos que validan estas correspondencias como educación liberadora en la ESCSC-Amatongas, aspecto presente en las correspondencias que reivindica el papel de transformación del contexto educativo a través de la participación popular de sus sujetos, con el Consejo Escolar como mecanismo para transformar la conexión estudiantil, familiar, comunitaria y otros territorios.

Palabras clave: Paulo Freire; Cartas pedagógicas; Educación liberadora.

Introdução

O presente artigo desdobra-se da pesquisa de mestrado de Ferreira (2024) e tem por objetivo apresentar as cartas pedagógicas como correspondências libertadoras na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas). O referencial teórico está fundamentado na educação libertadora de Paulo Freire, mais especificamente nas obras: *À sombra desta mangueira* (2019); *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos* (2021a); *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (2021b); *Pedagogia do oprimido* (2021d) e *Política e Educação* (2022), Freire e Guimarães (2021c) e de alguns comentadores, tais como (Freire, A., 2013; Gadotti, 1996; Souza, 2015). De caráter qualitativo, inspirou-se na sistematização de experiência (Jara, 2006) e utilizou como ferramentas de interlocução com os sujeitos da escola (Direção Pedagógica, Professores, Pais e Alunos) as cartas pedagógicas (Dickmann, 2020; Coelho, 2011), perspectivas dialógicas assumidas por Paulo Freire em seu contexto pessoal e atuação profissional.

Peloso (2009, p. 24) assevera que “Freire considerava as cartas mais comunicativas do que a forma tradicional de ensaios, pois nelas era possível desfrutar da espontaneidade, mostrando além do pensamento, a personalidade de quem as escrevia”.

Durante muitos anos, o processo de troca de correspondências entre os sujeitos, respectivamente remetentes-destinatários, foi uma das ferramentas escritas muito utilizada. Cartas que, em suas linhas, apresentavam notícias de familiares, de amigos, de amores, de catástrofes naturais e humanas, correspondências que se personificavam em corpos-palavras no papel, traduziam-se em emoções e sentimentos que transcendiam a mera escrita e a sua caligrafia.

Cartas escritas a mão, ou seja, manuscritas, com canetas de várias cores, desenhos, códigos e palavras regionais. Demonstrando a beleza desse gênero textual que, na contemporaneidade, perdura, com menor utilização, fazendo-se como comunicação necessária para imprimir um “sentipensar” e um “corazonar” nas escritas, como destaca o filósofo latino-americano *Rodolfo Kusch*, para falar de uma lógica outra de (re)interpretação e (res)significação da realidade, ancorada nas emoções e sentimentos, imprimindo, no ato de escrever, um (re)escrever humanizado e com maior eticidade.

Essas correspondências dialógicas, ao serem traduzidas por meio das escritas, corporificadas pelo sujeito que as escreve, faz-se pelo agregar emoções, sentimentos e

bem querer às pessoas e à sociedade, há uma perspectiva de eticidade junto às pessoas e à sociedade. Evocando uma profunda inteireza humanizadora, na relação com toda a comunidade planetária, princípios defendidos por Freire em sua palavra-ação.

Assim, este artigo está organizado em quatro partes: na primeira parte, apresentar-se-á o *locus* da pesquisa, partindo do aspecto macro ao micro, ou seja, um breve panorama de Moçambique, seguido da Aldeia de Amatongas e da ESCSC-Amatongas. Na segunda parte, será apresentada uma breve biografia da vida e atuação educacional de Paulo Freire, pesquisador que utiliza veementemente em seu “que faz” educacional a escrita-dialógica como mecanismo de educação libertadora, demonstrando uma forma de produção de conhecimento que articula teoria e prática. Na terceira parte, dar-se-á ênfase aos aspectos de Paulo Freire e às cartas pedagógicas em seus escritos-epistolares. Como considerações finais, serão apresentados apontamentos por meio de uma carta pedagógica à Paulo Freire, sobre as cartas pedagógicas e a educação libertadora na ESCSC-Amatongas, destacando a potência dessas correspondências nesse *locus* moçambicano.

“Feiuras” e “Bonitezas”: a Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração/Moçambique-África em foco

Moçambique é um país localizado no Sudeste da África. Tem uma área de 799.380 km²; de Norte a Sul, atinge 2.500 km de extensão. A Leste do país está o Oceano Índico; ao Sul, as fronteiras com a África do Sul e Suazilândia; ao Norte, faz fronteira com a Tanzânia e Malawi; e a Oeste, com o Zimbábue e a Zâmbia. A língua oficial é o português europeu, no entanto, nos Estados, existem várias línguas locais maternas. No Estado de Manica, onde a ESCSC-Amatongas está situada, destaca-se o *chiutewe*, que os moradores locais chamam apenas “*chiuté*”.

A existência da multiplicidade de línguas maternas se apresenta como um desafio ao ensino. Os alunos, na aldeia e em suas casas, falam a língua materna; no ambiente escolar, usam a língua oficial, ou seja, o português de Portugal. Durante as aulas, os professores acabam mesclando as línguas para o melhor entendimento e absorção das matérias pelos alunos.

Amatongas é uma comunidade rural, nominada como “Aldeia”, de aproximadamente 35.000 habitantes. Sua economia gira em torno da agricultura de subsistência, baseada sobretudo na produção de milho. A base da refeição é uma pasta de milho, denominada “*chima*”, tendo como mistura folhas de hortaliças, com destaque à couve. Nas casas da população local, sempre há hortas de couves e outras leguminosas, assim como no internato masculino e feminino da ESCSC-Amatongas.

Figura 1. Horta do Lar Masculino e Feminino da Escola Secundária Sagrado Coração de Amatongas



Fonte: o autor (2023)

A realidade é de pobreza extrema: a grande maioria de seus moradores tem apenas uma única refeição diária e dorme no chão, em esteiras; suas casas, de pequenos cômodos, são de tijolo cru, o que é conhecido, no Nordeste do Brasil, como “pau-a-pique”. Não há energia elétrica, água encanada ou fogão a gás. Nessa realidade, identifica-se inúmeras questões sociais: alto índice de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), especialmente, a síndrome da imunodeficiência adquirida – *acquired immunodeficiency syndrome* (AIDS) – e de doenças tropicais, sobretudo a malária; consumo intenso de álcool e outras drogas; casamentos prematuros; gravidez precoce; orfandade; extermínio das minorias sociais – albinos, pessoas com deficiência, etc.; tráfico de órgãos para rituais e comércio; violência física, psíquica e sexual contra as jovens.

Frente às inúmeras questões sociais que contribuem negativamente para o subdesenvolvimento de Moçambique, as questões socioeconômicas e sanitárias, com destaque para as doenças endêmicas, ocasionam a morte de muitas pessoas.

Como asseveram Erudito Malote; Graziela Tembe; Remane Selimane (2013):

Não por acaso, a principal agenda dos governos africanos na actualidade é o combate à pobreza, o qual inclui o combate à fome, o acesso a água potável, a cuidados de saúde e educação. O objectivo é a redução das mortes por malária, HIV/SIDA, doenças diarreicas e outras epidemias (Malote; Tembe; Selimane, 2013, p. 173).

Os efeitos da fome, da malária e da AIDS são agravados pelo fraco acesso às políticas sociais (saúde, educação, saneamento, dentre outras), que afetam o continente,

de modo geral e o país, em particular. Esses inúmeros e graves problemas sociais não devem continuar a ser uma sentença de morte para os africanos e africanas. Pelo contrário, deve-se buscar mecanismos políticos para a sua superação, alicerçados na concretização de transformações sociais em África (Malote; Tembe; Selimane, 2013).

Nessa conjuntura cheia de “feiuras”, destaca-se como “bonitezas” a ESCSC-Amatongas, que educa, atualmente, 1.309 alunos e estudantes. Destes, 479 alunos e estudantes em dois turnos (manhã e tarde). Em Moçambique, “aluno” se refere aos jovens que frequentam 7^a, 8^a, 9^a e 10^a classe, do 1^o ciclo do Ensino Secundário; e “estudante” se refere aos jovens que frequentam 11^a e 12^a classe, do 2^o ciclo do Ensino Secundário. No 1^o Ciclo (7^a, 8^a, 9^a e 10^a classes), há 848 alunos, sendo 306 alunas; e, no 2^o Ciclo (11^a e 12^a classes), 461 estudantes, sendo 173 estudantes mulheres; com 29 turmas, 17 turmas no 1^o Ciclo e 12 turmas no 2^o Ciclo; cada turma tem em média 50 alunos e estudantes. O 2^o Ciclo (11^a e 12^a classes) é dividido em três seções (Letras, Ciências com Geografia, Ciências com Biologia e Ciências com Desenho) e os estudantes escolhem quais querem cursar.

Figura 2. Fachada da ESCSC-Amatongas em Amatongas



Fonte: o autor (2023)

A escola é composta por um diretor geral; um vice-diretor; um diretor financeiro; 35 professores, sendo 27 professores e oito professoras; e cinco agentes de serviço, um masculino e quatro femininas, para oportunizar aos alunos uma formação integral, que visa colaborar na mudança de suas realidades sociais, bem como de seus familiares e da comunidade local.

Ao olhar para uma realidade local com tamanho desafio posto e identificar toda a dedicação e empenho da direção, professores e prioritariamente dos alunos, nota-se o papel fundante da ESCSC-Amatongas para a transformação de suas vidas, ao empoderar-se do saber, emancipam-se e vislumbam outras possibilidades.

A ESCSC-Amatongas possui dois internatos com 145 jovens internos e internas, sendo um masculino, com um total de 101 internos; e outro feminino, com 44 internas, é importante sinalizar que 50 jovens, rapazes e moças internos, são órfãos. Os alunos residem nas comunidades que rodeiam a Aldeia de Amatongas, são jovens das comunidades da região e outros, que vêm de outras cidades e Estados do país.

Grande parte dos alunos caminha cerca de 5 horas diárias para estudar, uma rotina que contribui significativamente para a evasão escolar, aspecto que assola o país. Por isso, destaca-se a necessidade do internato para os alunos e alunas que residem distante ou são de outras localidades e Estados. Salienta-se que essa realidade, de internatos em escolas públicas, comunitárias e particulares em Moçambique é constante, sejam ligados às Igrejas ou ao Estado. A procura dos pais e responsáveis para um internamento em uma instituição cristã-católica se dá devido à seriedade desses espaços no aspecto ligado às disciplinas e educação, no caso do lar masculino e feminino da ESCSC-Amatongas, há uma grande procura, sempre com lista de espera.

As famílias da região têm de 6 a 8 filhos de um mesmo pai, com mães diferentes, pois no contexto rural a poligamia é socialmente aceita, sobretudo durante o plantio de roças, quando as mulheres acabam participando diretamente como força de trabalho, ocasionando a necessidade de o marido “adquirir” várias esposas. No contexto escolar, os rapazes são a maioria dos alunos, pois as jovens moças acabam sendo “*loboladas*”, ou seja, recebem dotes para se casarem de forma prematura. Sem uma estrutura biopsicossocial, por falta de conhecimentos dos métodos contraceptivos, engravidam precocemente e, em vários casos, acabam falecendo no parto ou pós-parto, pelas condições biológicas e sanitárias.

São mães adolescentes, que acabam sofrendo pelo julgo cultural e social e que (re)produzem essa condição para suas filhas, caso consigam completar esse ciclo. Destaca-se que uma sólida formação integral em um espaço adequado, em união com a família-escola, poderá causar um forte impacto de mudança cultural e estimulará o desejo ainda maior do estudo e de oportunidades para as jovens, viabilizando novos projetos de vida para si e seus familiares.

Paulo Freire (2021b, p. 96) assevera que: “[...] Ninguém Educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]”. É nesse sentido que se cria, sempre, mais um espaço para o aluno expor o seu conhecimento e as suas experiências e para o professor na ESCSC-Amatongas. Igualmente, para compartilhar o conhecimento pedagógico por uma perspectiva da educação libertadora, partindo da premissa dos aspectos da participação popular e comunitária, fundamentada em suas realidades pessoais e territoriais.

Nessa conjuntura, a leitura da palavra nas cartas pedagógicas passa pela leitura de mundo, nas palavras de Freire:

[...] A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (Freire, 2021b, p. 109).

É esse território escolar moçambicano, de solo avermelhado, que revela as lutas diárias de seus moradores, sujeitos que assumem o papel de protagonistas no processo de educação libertadora. Nele, identificou-se o poder transformador da escrita por meio do gênero-textual das cartas pedagógicas. Pois, ao trazerem nas correspondências as realidades da escola, imprimiam aspectos de suas vidas, com “feiuras” e “bonitezas”, revelando a potência de uma escrita ancorada em suas histórias do presente, passado e futuro, com uma perspectiva do “esperançar” em conexão com a educação libertadora freiriana.

Nas cartas pedagógicas, potencializam-se como primícias as histórias de vida de quem as escreve, escritas que partem das experiências vividas na relação do remetente-destinatário como sujeitos históricos, inconcluso e consciente do seu inacabamento, perspectiva assumida no “que fazer” de Paulo Reglus Neves Freire, educador brasileiro, nordestino e recifense que utilizou muitíssimo, em suas escritas, esse gênero textual, pois via nessas correspondências dialógicas uma potente ferramenta para humanizar o sujeito, no sentido de oportunizar a buscar por seu “ser mais”.

Faz-se necessário o conhecimento desse educador que, enquanto sujeito histórico, fez-se no mundo, com o mundo e construído pelas relações sociais humanizantes e humanizadoras com as pessoas, em vários países e contextos sociais. Sua vida e *práxis* reverberam o processo educativo como um ato político que nos impulsiona a agir em direção a um futuro mais justo, igualitário, equitativo, sororal e libertador.

Breve biografia de Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu na Estrada do Encantado, 724, no bairro de Casa Amarela, em Recife, Pernambuco, às 9 horas da manhã, do dia 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Themítoche Freire e Edeltrudes Neves Freire. Por questões de saúde, falece na cidade de São Paulo, no Estado homônimo, no dia 2 de maio de 1997.

Filho de pai oficial da Polícia Militar de Pernambuco e mãe prendada doméstica, Paulo Freire foi o quarto e último filho do casal, tendo como irmãos Armando, Stela e Temístocles (Freire, A., 2013).

Seu irmão, Armando, com a necessidade de cuidar de seus três irmãos e sua mãe viúva aos 42 anos, abandonou o estudo e começou a trabalhar como funcionário público. Stela se torna professora primária por pouco tempo e Temístocle, irmão pelo qual Paulo Freire tinha maior estima, já idoso quando Freire morre, perdeu o gosto pela vida e faleceu no dia 27 de setembro de 1999, após 2 anos da partida do irmão, com o qual tinha um grande vínculo de amorosidade (Freire, A., 2013).

Percebe-se em Paulo Freire forte vínculo relacional com seus irmãos, com destaque a Temístocles, unidos por meio dos momentos difíceis e alegres quando crianças, nas

sombras das árvores frutíferas do Nordeste brasileiro. Árvores produtoras de relações, carregadas de afeto, de curiosidade e do brincar de uma infância de dores e esperanças (Freire, 2021b).

Eu usava a amenidade das sombras para estudar, para brincar, para conversar com meu irmão Temístocles sobre nós mesmos, sobre nosso amanhã, sobre a saudade de nosso pai falecido; para curtir, mergulhado em mim mesmo, a falta da namorada que partira (Freire, 2019, p. 26).

Em 1929, com a influência da queda da Bolsa de Nova Iorque, a família de Paulo Freire hipoteca a casa que morava no Recife. Freire se muda com a família para Jaboatão dos Guararapes, onde ele viveu sua infância, passando muitas dificuldades, inclusive fome. Contexto social causador de uma indignação na infância, que impulsionou toda sua vida, forjando uma criança-adulto disposta a transformar essa realidade desigual e excludente imposta aos empobrecidos (Freire, 2021e).

Desde sua infância, percebe-se em Paulo Freire uma criança que olha a realidade que o cerca e que, mediante o contexto, busca (re)inventá-la. Diante dessa dura realidade de dificuldades financeiras e de ter experimentado a fome, “tentando furtar um lindo mamão no quintal do vizinho” (Freire, 2021e, p. 48), cresce e constrói seus vínculos de amizade, de troca e de irmandade.

Os anos se passam, Freire cresce e continua a sentir, em seu corpo, dores mais violentas que a fome que havia perpassado suas entranhas na infância, debilitando-o e enfraquecendo-o, retirando sua vitalidade, inclusive para o estudo. Foi a perda de seu pai, em 31 de outubro de 1934, em um domingo fatídico, que lhe causou uma dor profunda que o envolveu (Freire, 2021e).

Frente à morte de seu pai, houve um agravamento da situação econômica que a família de Freire vivia. Tendo o aporte humano e econômico em sua mãe, aos 42 anos, mesmo com a diminuição de seus recursos financeiros, viúva, agora recebia uma pensão. Há uma melhora nessa conjuntura entre 1935 a 1936, quando seus irmãos e irmã conseguem empregos.

Foi em Jaboatão que Paulo Freire concluiu a escola primária. Em seguida, fez o primeiro ano ginasial no Colégio 14 de julho que, funcionando no bairro de São José, era, na verdade, um prolongamento do Colégio Francês Chateaubriand, situado na Rua da Harmonia, 150, Casa Amarela, onde aconteciam os exames finais (Freire, A., 1996). Após concluir o primeiro ano do Ensino Secundário, Freire adquire bolsa de estudos no Colégio Osvaldo Cruz, que tinha como proprietário o pai de sua segunda esposa, Ana Maria Araújo Freire (Nita), o Sr. Aluísio Pessoa de Araújo, a quem Freire tinha muita estima. Nesse educandário, fez os sete anos de estudos secundário, adquirindo uma boa escolarização, em um colégio importante na capital pernambucana (Freire, A., 1996).

Sua presença naquele ambiente educacional foi decisiva para sua trajetória profissional. Concilia as aulas de língua portuguesa no Colégio Osvaldo Cruz, com aulas particulares da referida disciplina. Freire, desde muito jovem, sente-se vocacionado ao ensino e destacou “que buscava incansavelmente era a boniteza na linguagem, oral e

escrita” (Freire, 2022, p. 95). Esse processo se efetivou ao longo da vida, por meio de uma educação libertadora.

Aos 22 anos, ingressou na Secular Faculdade de Direito do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo estudado lá entre 1943 e 1947. Formou-se em Direito e, na primeira causa, desiste. Como destacam Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (2019).

[...] ainda muito jovem formou-se em Direito, mas desistiu dessa profissão na ‘primeira causa’ em que se constituiu advogado de defesa de um jovem dentista que estava, sob muita pressão, querendo ‘ganhar mais um tempo’ na condição de trabalhador para poder quitar sua dívida que contraíra na busca de montar seu próprio consultório dentário. Triste e abatido pelo contexto da injustiça social desse caso e impotente diante da burocracia jurídica, o jovem advogado decide ser um educador (Streck; Redin; Zitkoski, 2019, p. 17).

Paulo Freire abandona a profissão de advogado, mas o Direito o acompanha em toda sua vida, enquanto cidadão e professor, por entender que tanto na advocacia quanto na docência se faz necessária uma ética humanizadora, que promova a defesa do sujeito em sua integridade e subjetividade.

Nesse sentido, destaca-se que Paulo Freire utilizou de cartas pedagógicas para comunicar a sua defesa à vida e à educação libertadora. No tópico abaixo, apresenta-se a relação de Freire com as cartas pedagógicas, com o objetivo de sublinhar a importância que essa forma de comunicação tem em sua *práxis*.

Paulo Freire e as cartas pedagógicas

Paulo Freire, quando criança, escrevia palavras com gravetos no terreiro do quintal de sua casa, no Recife, imprimindo, desde a infância, seu gosto pela escrita e estudo. Quando adulto, como pesquisador, utilizou as cartas como mecanismo de comunicação com os inúmeros sujeitos que se vinculou no seu “que fazer” educação libertadora, “as cartas eram uma das formas de comunicação que Paulo tanto gostava de utilizar” (Freire A., 2021, p. 9).

Freire, em toda sua escrita, efetiva um movimento epistêmico, elucidando aspectos de politicidade e conscientização, realidade evidenciada em seu manuscrito *Pedagogia do oprimido* (entre 1967 e 1968). Texto que, diante de um contexto de exílio, encaminha aos amigos em outros países, a fim de que estes pudessem conhecer e estudar esse material. Dessa forma, correlaciona o diálogo e a escrita, suas duas categorias importantes, imprimindo um sentido ímpar no seu viver ao escrever essa obra que, segundo ele, exigiu de si a coerência de seu “que fazer” escrito-falado; “[...] a Pedagogia do oprimido é um momento importante de minha vida de que ela, Pedagogia, expressa um certo instante, exigindo, ao mesmo tempo, de mim, a coerência necessária com o nela dito” (Freire, 2021b, p. 90).

No verbete “cartas pedagógicas”, de Adriano Vieira *apud* Danilo R. Streck, Redin e Zitkoski (2019), há uma ênfase sobre essa relação epistemológica e metodológica de Paulo Freire:

Pensar sobre o diálogo como exercício rigoroso do pensamento refletido e compartilhado precisava se apoiar em instrumento coerente. A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso (Vieira, 2019, p. 75).

Para Freire, o ato de se corresponder por meio das cartas, do ensinar-aprender, é relação dialógica e autônoma, já antecipando o leitor como autor da escrita.

É neste sentido, agregando os conceitos ‘carta’ e de ‘pedagogia’, que as ‘cartas pedagógicas’ tomam uma dimensão fortemente marcada pelo compromisso com o diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação (Vieira, 2019, p. 75).

Evidenciando esse gênero textual que oportuniza aos sujeitos, crianças, adolescentes, jovens e adultos, uma escrita que pode falar de seus territórios físicos e realidades humanas, pautadas em suas tramas e dramas em busca do “inédito viável”. Como reverbera Freire: “[...] uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa ‘gentetude’” (Freire, 2021b, p. 89).

Para Moacir Gadotti (2011) *apud* Edgar Pereira Coelho (2011), uma carta convida a uma aproximação e cumplicidade entre os sujeitos que a escreve e quem a lê, não se perfazendo meramente como uma escrita teórica, pautada em regras ou normas gramaticais. “[...] Quem escreve cartas convida ao diálogo, à resposta, à continuidade, ao estabelecimento de uma relação pessoal” (Coelho, 2011, p. 14).

Por meio das cartas pedagógicas, identificam-se ensinamentos, visto que, ao comunicá-las e compartilhá-las, igualmente, são registradas as experiências para interpretá-las, pretendendo a teorização da prática transformar as ações. Para Moacir Gadotti (2017), “[...] quem escreve cartas convida ao diálogo, chama à resposta, chama à continuidade ao estabelecimento de uma relação pessoal” (*apud* Dickmann, 2017, p. 10).

Para tal, faz-se necessário recuperar o encanto e o significado da escrita para as pessoas, reconhecendo que contribui para uma profunda transformação no sujeito, com a dupla dimensão do eu e do mundo. Realidade consolidada no legado escrito-vivido por Paulo Freire, traduzido em sua atuação junto “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (Freire, 2021d, p. 03), em busca da humanização e da vocação ontológica de “ser mais” de forma coletiva.

Paulo Freire escreveu vários livros, os quais apresentam cartas, identificando nelas o pedagógico, pela dimensão política, epistêmica, sociológica e educativa, na defesa de uma educação baseada na ética e estética, com princípios humanizadores. No entanto, Ana Maria Freire (2021), em sua apresentação da obra *Pedagogia da Indignação: Cartas*

pedagógicas e outros escritos, identifica que este leva o termo “cartas pedagógicas” (Freire, 2021).

No livro *A África ensinando a gente – Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe* (Freire; Guimarães, 2021c), em diálogo com Paulo Freire, Sérgio Guimarães o questiona sobre o porquê de escrever cartas no processo educacional em São Tomé e Príncipe:

[...]. Elas se chamam cartas porque eu sugeri. Eu discuti com a comissão que eu achava muito melhor que ela se dirigisse em termos de cartas do que de guias. Em lugar de você escrever o que normalmente todo mundo tem - pode se chamar ‘Guia do Coordenador’, ‘Guia do Animador’ [...]. Eu sugeri que fossem cartas para deixar o animador desde o começo, mais ou menos convencido de que as cartas não são prescrições, mas são antes elementos desafiadores também deles (Freire; Guimarães, 2021d, p. 74).

Utilizando as cartas pedagógicas na sua contribuição educativa em São Tomé e Príncipe, Paulo Freire (re)afirma sua postura democrática e libertadora. Reverberando, com veemência, não se tratar de “guia do coordenador” ou “guia do animador”, correspondências opressoras, encarceradas e carregadas de um mandato, aprisionadas. E sim cartas pedagógicas com prescrições e orientações em suas linhas, elencando processos coletivos, éticos e humanizadores. Que, em sua palavra-ação, pautava-se em desafios, limites e possibilidades, mas, sobretudo, em gestos de afetos e “gentetude” aos seus destinatários, os sujeitos santomenses.

Salienta-se que o gênero textual cartas pedagógicas foi um instrumento de trabalho utilizado por Paulo Freire quando atuou no Conselho Mundial das Igrejas Cristãs (CMI), em Genebra, Suíça (1970), como consultor especial do Departamento de Educação. Neste órgão ecumênico, Paulo Freire desenvolveu um trabalho educacional em África, sobretudo nos países que tinham recentemente conquistado sua independência política, enfatizando a importância da formação educacional, de conscientização e política nos países de África lusófona.

Ferreira (2024) utiliza dos saberes no continente africano, com ênfase em Moçambique/África e, em setembro de 2022, recorre às cartas pedagógicas para a coleta dados. Foram encaminhadas correspondências às pessoas que compõem a ESCSC-Amatongas, sendo: 24 à direção e professores/as; 13 à comunidade (pais e encarregados/as de educação e líderes do Conselho da Escola); e 15 aos alunos/as e estudantes, totalizando 52 “cartas pedagógicas”, com as seguintes questões: 1) O que é educação pra você?; 2) O que é escola para você?; e 3) Como você verifica as conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade local (Aldeia de Amatongas)?

Em outubro de 2022, obteve-se como resposta: 21 correspondências da direção e professores/as; 11 da comunidade (pais e encarregados/as de educação e Conselho da Escola); e oito de alunos/as e estudantes, somando 40 correspondências, todas manuscritas. Com relatos “encharcados” de humanidades, em processo dialógico e transformador.

Após o retorno das cartas pedagógicas, foi feita a análise de dados. Optou-se por retirar das correspondências as categorias: educação, escola e comunidade. Para um

aprofundamento das mesmas, as categorias se tornaram questões para realizar as entrevistas semiestruturadas com seus/suas destinatários/as, na ESCSC-Amatongas, em pesquisa de campo. Sendo: um diretor geral; um diretor adjunto pedagógico; 13 professores/as; dois serviços gerais; três pais e encarregados de educação e dois estudantes, totalizando 22 pessoas, com o objetivo de analisar de que forma a educação libertadora de Paulo Freire se efetiva na *práxis* da ESCSC-Amatongas.

Identificou na ESCSC-Amatongas, na contemporaneidade, a educação libertadora de Paulo Freire, que perdura e se potencializa, como processo emancipador, libertador e transformador dos sujeitos e suas realidades sociais.

Considerações finais¹

Querido Paulo Freire,

Início minhas palavras agradecendo tê-lo conhecido mesmo após o seu 27º ano de sua páscoa. Como é difícil perder alguém, parece que parte do nosso ser também é plantado com a pessoa, pois o amor é tão grande que se funde em momento de dor e gratidão. Por isso, Freire, sou grato a Deus e às pessoas queridas que me apresentaram a você, por meio de suas obras dialógicas, tendo a carta pedagógica como correspondência que cria vínculo, irmandade e comunicação. Encharcada de amorosidade, como você gostaria de ser lembrando: “[...] um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, a vida” (Freire, A., 2013, p. 27), aspecto que exortava em sua vida, obras, atuação política e educacional. Realidades estas oferecidas “aos esfarrapados do mundo”, aos explorados/as e oprimidos/as, como um bom nordestino/recifense apaixonado por sua terra e sua gente (Freire, 2021d).

Como não se “encantar” por você enquanto ser humano e profissional da educação, e não qualquer educação, mas uma educação dialógica e libertadora, que transcende a mera transmissão de uma teoria e/ou conhecimento frio e calculista. Adentrando em realidades humanas dos sujeitos viventes, em seus âmagos como pessoas e sujeitos sociais no mundo, para o mundo e em relação com os demais sujeitos, sempre de maneira coletiva e com um profundo sentido de transformação social. Freire, você nos convoca a (re)vermos nossos posicionamentos de/para/no mundo, enquanto pessoas-profissionais e evoca à necessidade de relações cheias de “gentetude”, humanizantes e humanizadoras.

Nas cartas pedagógicas, correspondências nossas, com os sujeitos da ESCSC-Amatongas/África: Diretores, Professores, Pais, responsáveis e estudantes. Por meio das leituras interpretativas, identificamos as categorias: educação, escola e comunidade, processos que evocam a vossa perspectiva educacional libertadora com muita amorosidade, ancorada na perspectiva da conexão escola-comunidade, ou como os sujeitos da educação moçambicana chamam: “ligação escola-comunidade”, impulsionados pelo processo de envolvimento proativo do Conselho da Escola, como fator *sine qua non*

¹ Palavras à Paulo Freire, sobre a perspectiva da educação libertadora presente nas cartas pedagógicas, correspondências nossa com os sujeitos da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas/África.

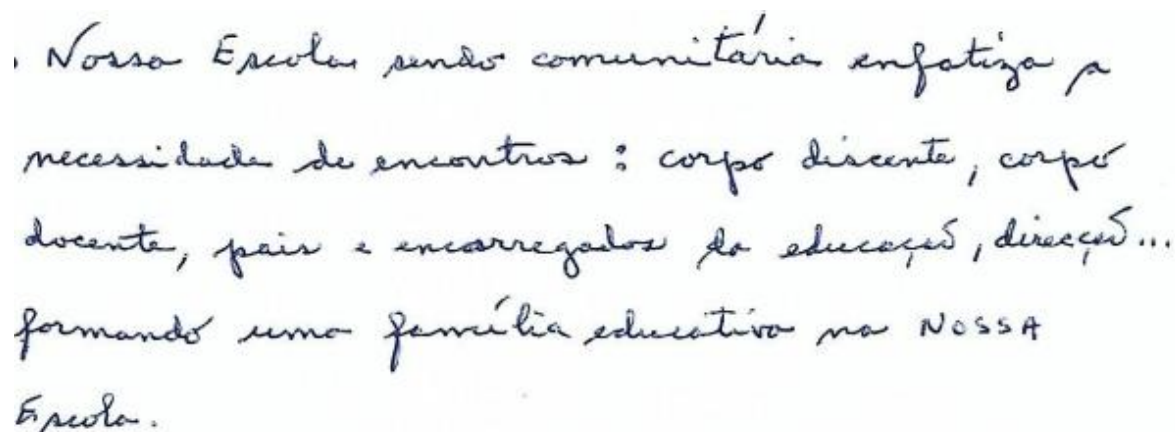
da qualidade de ensino da escola e das relações pessoais e sociais dos sujeitos residentes naquele *locus*, que são materializadas por meio desse espaço de participação popular.

Um movimento coletivo que os legitima como partícipe dos processos educativos e transformadores para seus filhos de sangue e de “suas famílias alargadas”, realidade muito presente em África, contexto familiar que transcende a consanguinidade. Uma educação escolar que acontece no *locus* comunitário, por meio de processos coletivos, como destaca um provérbio africano: “É preciso de uma aldeia para se educar uma criança” (CNBB, 2021, p.9). Esse entendimento de pedagogia participativa e comunitária, além de contemplar o ser humano de forma integrada e integradora, pressupõe a diversidade dos espaços educativos como conceito fundamental. Como destaca Carlos Rodrigues Brandão (2013):

Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entres as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante, com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos (Brandão, 2013, p. 10).

Realidade veementemente posta nas correspondências da direção, professores, pais, responsáveis e estudantes.

Figura 3. Trecho da carta pedagógica do Diretor da Escola



Nossa Escola sendo comunitária enfatiza a
necessidade de encontros: corpo discente, corpo
docente, pais e encarregados da educação, direção...
formando uma família educativa na Nossa
Escola.

Fonte: Selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

Nossa Escola sendo comunitária enfatiza a necessidade de encontros: corpo discente, corpo docente, pais e responsáveis, direção. Formando uma família educativa em nossa escola (trecho da carta pedagógica escrita pelo diretor da escola)².

Freire, como é importante, no contexto escolar, o envolvimento de pais e responsáveis, vinculando-os e os legitimando como “uma família educativa”. Você mesmo destacou no manuscrito *Educação e participação comunitária* (1992), no retorno ao Brasil,

² Optou-se pela transcrição dos trechos das cartas pedagógicas para facilitar a compreensão e contribuir para a fluidez da leitura do texto. Nesse processo, foram realizadas adequações ortográficas e gramaticais, de acordo com a língua portuguesa brasileira. Entretanto, nas Figuras, é possível acessar os textos, sem alterações.

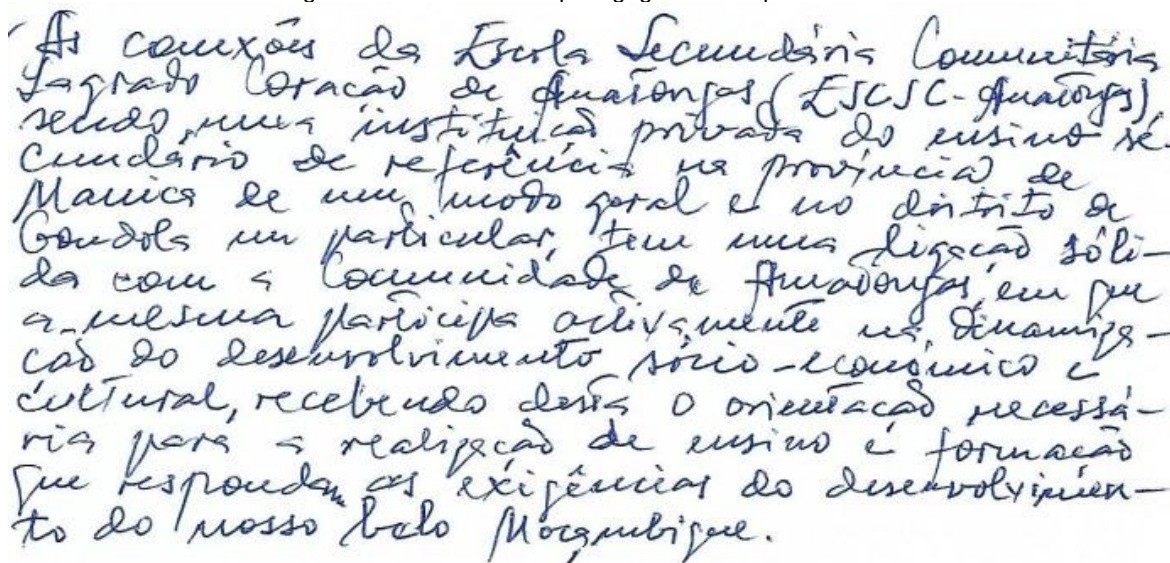
quando secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo: “[...]. Era impossível fazer uma administração democrática, em favor da autonomia da escola que, sendo pública, fosse também popular, com estruturas administrativas que só viabilizavam o poder autoritário e hierárquico” (Freire, 1992, p. 12).

Nesse mesmo manuscrito (1992), percebemos sua ênfase quanto à participação comunitária, feita por meio do Conselho da Escola.

Era preciso, pelo contrário, democratizar o poder, reconhecer o direito de voz aos alunos, às professoras, diminuir o poder pessoal das diretoras, criar instâncias novas de poder com os Conselhos de Escola deliberativos e não apenas consultivos e através dos quais, num primeiro momento, pais e mães ganhassem ingerência nos destinos da escola de seus filhos, num segundo esperamos, é a própria comunidade vizinha que tendo a escola como algo seu, se faz igualmente presente na condução da política educacional da escola (Freire, 1992, p. 12).

Realidades destacas nas cartas pedagógicas quanto ao papel de transformação da educação da ESCSC-Amatongas pela participação popular de seus sujeitos, tendo como órgão de fundamental importância o Conselho da Escola, como mecanismo de conexão transformadora no território, impactando os sujeitos que participam diretamente do processo educativo, seus familiares e a comunidade em geral. Como asseveram os relatos abaixo:

Figura 4. Trecho da carta pedagógica de um pai da escola



As conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas), sendo uma instituição privada do ensino secundário de referência na província de Manica de um modo geral e no distrito de Gondola em particular, tem uma ligação sólida com a comunidade de Amatongas, em que a mesma participa ativamente na dinamização do desenvolvimento sócio-económico e cultural, recebendo desta a orientação necessária para a realização de ensino e formação que responda as exigências do desenvolvimento do nosso belo Moçambique.

Fonte: Selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

As conexões da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (ESCSC-Amatongas), por ser uma Instituição particular de ensino secundário de referência no Estado de Manica de um modo geral e no distrito de Gondola em particular tem uma ligação sólida com a comunidade de Amatongas, em que a mesma participa ativamente na dinamização do desenvolvimento socioeconômico e cultural, recebendo desta a orientação necessária para a realização de ensino e formação que responda as exigências do desenvolvimento de nosso belo Moçambique (trecho da carta pedagógica escrita por um pai da escola).

Figura 5. Trecho da carta pedagógica do professor de Matemática da escola

A CONEXÃO DA ESCOLA SECUNDÁRIA COMUNITÁRIA SAGRADO
CORÇÃO DE AMATONGAS COM A REALIDADE NA ALDEIA DE
AMATONGAS (POSTO ADMINISTRATIVO), TROUXE NOVOS PANORAMAS
NO QUE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA DIZEM RESPEITO,
MUITOS DIRIGENTES QUE QUEREM VER SEUS FILHOS BEM
FORMADOS POR INSTITUIÇÃO COM BOM NOME NA SOCIEDADE,
AO NÍVEL DA COMUNIDADE DE AMATONGAS CONTINUA SENDO
A QUE MAIS ATENÇÃO PRESTA AOS ALUNOS A TODOS OS NÍVEIS
DE ENQUADRAMENTO SOCIAL, AOS ALUNOS MAIS DESFAVORECIDOS
A ESCOLA DA A ESTES ALUNOS UM ENSINO GRATUITAMENTE
A COMUNIDADE DE AMATONGAS VEM ESTA ESCOLA COMO A
SUA PROPRIEDADE, VISTO QUE ESTA A PARTICIPAR ATIVAMENTE
NA FORMAÇÃO DO FUTURO DOS SEUS FILHOS E NAD SO MAIS
TAMBEM PARA TODA FUTURA GERAÇÃO.

Fonte: Selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

A conexão da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas com a realidade na Aldeia de Amatongas (Posto Administrativo), trouxe novos panoramas no que a educação e a escola dizem respeito. Muitos dirigentes querem ver seus filhos bem formados por Instituição com bom nome na sociedade, ao nível da comunidade de Amatongas continua sendo a que mais atenção presta aos alunos de todos os níveis de enquadramento social, aos alunos mais desfavorecidos a escola oferece a estes alunos um ensino gratuitamente.

A comunidade de Amatongas vê esta escola como sua propriedade, visto que esta participa ativamente na formação do futuro dos seus filhos e para toda futura geração (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de Matemática da escola).

De fato, Freire, identificamos e reforçamos nestas páginas o caráter libertador das cartas pedagógicas recebidas dos sujeitos pertencentes à ESCSC-Amatongas, que relataram a importância da participação da comunidade no processo educativo e como essa realidade impacta suas vidas. Para que estes, ao apropriarem-se de um saber transformador, sejam sujeitos de transformação social em suas vidas e na vida de outros sujeitos, consolidando uma esperança em movimento, o teu “esperançar”.

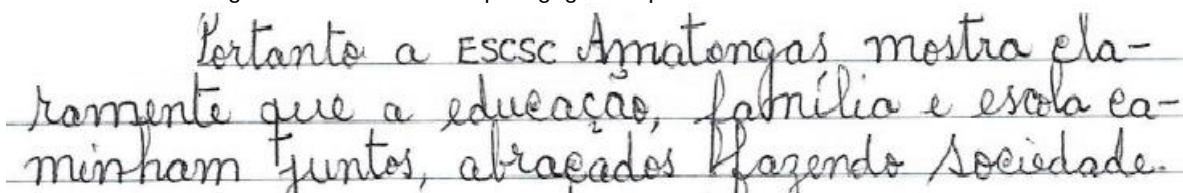
Figura 6. Trecho da carta pedagógica de um estudante da escola

A ligação entre a escola e a comunidade local vejo como a melhor
forma para garantir um ensino de qualidade, isto é a direção em
si só não consegue fazer nada sozinho sem a concordância com a
comunidade local de Amatongas, então, também a comunidade
em si só não consegue promover nada sem a direção da
escola comunitária Sagrado Coração de Amatongas.

Fonte: Selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

A ligação entre a escola e a comunidade local vejo como a melhor forma para garantir um ensino de qualidade, isto é a Direção em si só não consegue fazer nada sozinha, sem a concordância com a comunidade local de Amatongas, então, também a comunidade em si só não consegue promover nada sem a direção da escola Comunitária Sagrado Coração de Amatongas (trecho da carta pedagógica escrita por um estudante da escola).

Figura 7. Trecho da carta pedagógica do professor de Francês da escola



Fonte: Selecionado e organizado pelo autor (2024) a partir da coleta de dados por meio de cartas pedagógicas.

“Portanto a ESCSC-Amatongas mostra claramente que a educação, família e escola caminham juntos, abraçados fazendo sociedade” (trecho da carta pedagógica escrita pelo professor de Francês da escola). Realidade esta defendida por você no seu “que fazer” educação libertadora-transformadora e consolidada no aqui-agora da história na ESCSC-Amatongas.

Destacamos Paulo Freire, a importância e a eficácia das cartas pedagógicas, seu gênero epistolar “encharcado” de amorosidade que, ao interagir com o outro, cria uma sinergia afetiva, efetiva e cuidante em um processo dialético e transformador. Identificamos, por meio dessas correspondências, que o contexto da ESCSC-Amatongas tem muito a ensinar à realidade da educação brasileira, principalmente em relação à conexão escola, família e comunidade, efetivada por meio do Conselho da Escola, espaço de participação social que, em muitas escolas nas cidades e campos no Brasil, estão extintos, perdurando em alguns contextos educacionais a coisificação dos sujeitos - alunos e professores, privatizando suas estruturas e encarcerando seus sonhos de libertação.

Sigamos na luta, com muita fé nos sujeitos para que possamos nos humanizar e sermos mais, para que, de forma coletiva, possamos transformar as realidades sociais de morte que nos cercam, com ênfase à educação.

Gratidão, Freire!

Referência

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/Campanha da Fraternidade 2022: Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2021.

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência**: Paulo Freire e a Educação por Cartas e Livros. Brasília: Liber Livro, 2011.

DICKMANN, Ivanio (org.). **Pedagogia da gratidão**: cartas a Paulo Freire. São Paulo: Dialogar, 2017.

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma Cartas pedagógicas *In*: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas Pedagógicas**: Tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020. p. 37-51.

FERREIRA, Márcio Nonato Diniz. **Chikora e Pamuthada**: em busca da educação libertadora na Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração de Amatongas - Moçambique/África. 2024. 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2024. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/4169/1/M%C3%A1rcio%20Nonato%20Diniz%200Ferreira.pdf>. Acesso: 30 jul. 2024.

FREIRE, Ana Maria. **Uma História de Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e participação comunitária** (manuscrito). São Paulo, 25 de outubro de 1992. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/69e72e3a-6564-40ad-9a2c-414d47662c2a/content>. Acesso: 9 Jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 28 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: Reflexão sobre minha vida e minha práxis. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021e.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a Prática à altura do sonho. *In*: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996. p. 69-115.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Trad. de Maria Viviana Resende. 2. ed, rev. Brasília: MMA, 2006. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>. Acesso: 30 jul. 2024.

MALOTE, Erudito; TEMBE, Graziela; SELIMANE, Remane. **Pré-universitário História 11**. Maputo: Pearson Moçambique Lda., 2013.

PELOSO, Clara Franciele. **Paulo Freire e a educação da infância das classes populares em reflexões, imagens e memórias reveladas**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1296/1/FrancieleClara.pdf>. Acesso: 4 jun. 2024.

SOUZA, Ana Inês (org.). **Paulo Freire: Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

STRECK, Danilo R. Angicos. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Márcio Nonato Diniz Ferreira

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UEPG. Graduado e Licenciado em Ciências da Religião pela UNICLAR/SP, Bacharel em Serviço Social na UNIS/MG, Especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela PUC/GOIÁS, Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial Faculdade Iguaçu, Formação em Psicodrama nível I pelo GETEP/FEBRAP-SP. Foi Diretor Pedagógico da Escola Secundária Comunitária Sagrado Coração-Amatongas, Moçambique/África, com equivalência reconhecida pelo Ministério da Educação de Moçambique. Atualmente é gestor no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV) Casa do Piá, em Ponta Grossa.

Paola Andressa Scortegagna

Doutora em Educação. Pedagoga. Professora do Departamento de Pedagogia e da Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Franciele Clara Peloso

Doutora em Educação (UFSCar). Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, Pato Branco, PR, Brasil.